

LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO III

Nº 13

janeiro-fevereiro 94

EDITORIAL

ANO NOVO VIDA NOVA. *As esperanças, que devem ser permanentes, tomam novo viço e entusiasmo, ensejando o vislumbamento de horizontes róseos e emoldurarem nossos anseios. "Não há por que fitar com olhos sombrios os dias que virão, pois a vida é um constante palmilhar, oferecendo a cada passo, intercaladamente, alegrias e angústias, dores e entusiasmos, peculiares à humana existência. Não esqueçamos, porém, que ela é dádiva de Deus e devemos sempre agradecer-lhe pelo dom que seu sopro vital nos concedeu. Caminhemos de frente erguida pelos seus rumos, cada um abrindo espaço por entre as asperezas que todo viver proporciona e nada de incertezas e desânimos. Sejamos fortes e convictos de que nada pode obstaculizar nossas metas, objetivando um porvir melhor.*

Sabemos que não é fácil viver, pois o destino do homem foi traçado com a primeira dor do nascimento. No entanto, essa circunstância puramente decorrente de nossa condição humana, de nenhum modo cria ambiente para desesperanças, patrimônio dos entibiados e que aceitam as derrotas como uma consequência da existência. Nada disso. Não aceitemos os infortúnios, espécie de provação criada para temperar o brio do ser humano e, ao invés, acicatá-lo para arrostar as intempéries. vamos em frente sem titubeios e vençamos os escolhos que nos surgirem, como simples ca-lhaus que são postos à margem das rotas.

A vida é uma só e devemos vivê-la com altaneria e dignidade, sem fragilidades emocionais, de forma a que possamos atingir o escopo maior: a Paz e a Felicidade.

Oyama Ituassú

CANÇÃO DA PALAVRA E O DIA

I

*A taça quebrada fere,
fere a taça fria a boca;
nos lábios, taça quebrada,
a luz instala a sua luta.*

*Tem a boca o dom do verbo
que não se dêa de graça,
graça de doar-se, ave livre
que voa na nuvem alva.*

*A mordança não faz praça
quando a palavra floresce,
é a guerra, praça armada
onde a vida não se rende.*

*Com mordança o mundo amarga,
Não muge no campo o boi,
não ara o homem sua terra,
o feito desfaz-se e foi.*

II

*O dia vive do vivo
ar que alastra a terra clara,
a escuridão nos assombra,
mas, felizmente, não dura.*

*Veremos, no rio aberto,
o sol raiar do outro lado;
nas plenas águas estamos
as velas, os remos, barcos.*

*No céu limpo voa o pássaro,
grasna o corvo, duro, torvo,
aquele distende as asas,
este fica no chão sujo.*

*Preciso é cortar o fio
que sustém suspensa a tersa,
espada, antes que seus gumes
decepem nossa cabeça.*

ELSON FARIAS



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092) 234-0584
CEP. 69.025-010
Manaus - Amazonas
Brasil

O ADEUS! AO MESTRE

GENESINO BRAGA

Seguido de um cortejo de lágrimas e preces, que fluíam do coração sentido de entes queridos, o velho mestre chegou à morada última. Seu corpo morto mantinha a postura de dignidade e de integridade moral com que sempre se conduzira o homem pela vida, numa existência que durou noventa anos!

Mestre, Juiz e homem de letras, Sadoc Pereira aformoseara, com o seu saber, com a sua consciência impoluta de magistrado e com seu intelectualismo discretamente requintado, as três cúpulas ostensivas do pensamento de cultura do Amazonas: a Universidade, o Tribunal de Justiça e a Academia de Letras.

Na primeira, irradiara as centelhas da sua inteligência da cátedra de Direito Judiciário Civil. Iluminara os caminhos em rumo da Hermenêutica a várias gerações de discípulos e seguidores, armando centúrias e mais centúrias de cruzados da Lei. Desembargador, nunca foi de tanta alvura o arminho como em sua toga, ninguém melhor dignificou, honrou e até mesmo sublimou - com tanta naturalidade e tão beneditina modéstia - a Magistratura, como Sadoc Pereira. Foi um autêntico **Servus servorum Justitiae!**

E do homem de letras, do pensador e do primoroso cultor da Forma, que até expirar ocupou a Cadeira de Joaquim Nabuco, na Academia Amazonense de Letras, deixou-nos o mestre, como documento de sua esplêndida formação literária, entre tantas páginas altas, aquele seu discurso de posse, perante a Ilustre Companhia, na fulgurante noite de 8 de junho de 1952. É uma peça magistral, que Péricles Moraes divulgara nas páginas da Revista da Academia, em dezembro de 1955, com o destaque que o Presidente e Patrono costumava dar aos trabalhos de mais fino labor.

Assentando-se à poltrona que tem por patrono Joaquim Nabuco, deste se ocupou o novo imortal, ao longo das vinte páginas de sua bela oração. Da mocidade aos últimos alentos de vida, em toda a sua obra, em todo o seu trabalho e em toda a sua glória, o celebrado autor de **Um Estadista do Império** é ali revivido com grandeza e em toda a plenitude de sua inconfundível figura, sob o fino espírito crítico e ampla análise do clima Internacional de conturbações políticas em que atuava e se fazia impor.

Estudo acurado o fazia, então Sadoc Pereira, em capítu-

lo especial, da obra literária de Joaquim Nabuco. E neste particular, não resistimos à tentação de transcrever o trecho que vai a seguir, em que o acadêmico recipiendário de 1952 se referia às produções do grande estadista brasileiro:

“A manusear com paciência documentos, que reunira no curso de vários anos, escreveu a sua maior obra literária - “Um Estadista do Império”, em que, traçando a biografia do pai, reconstituiu uma longa fase da história do primeiro e segundo reinados.

“Vêem-se, nesse trabalho, apreciados e discutidos com mestria e acuidade de um sociólogo, todas as questões que se agitaram no panorama nacional da monarquia, abrangendo individualidades e acontecimentos em um período de quase oitenta anos de nossa vida política.

“Ali se encontram estudos completos sobre a atuação dos nossos estadistas, a organização dos ministérios, as reformas sociais, o tráfico e a escravidão, a questão religiosa, a política exterior, até a queda do regime monárquico.

“Um Estadista do Império” não teve, é verdade, no país, a repercussão que merecia pelo seu extraordinário mérito, como uma decorrência da apatia com

que entre nós se encaram não só os fatos históricos, como os graves problemas do nosso futuro.

“Para ter-se uma idéia do valor dessa obra, basta dizer que não é possível hoje possuir-se um conhecimento perfeito de um grande período de nosso passado sem os quatro volumes que a compõem e em que o autor deixou, mais uma vez, demonstrada a extensão e profundidade da sua erudição.

“Só um grande espírito, com efeito, seria capaz de realizar esse monumento, que Joaquim Nabuco expressou ser a grande devoção de sua vida literária.

“No percurso da elaboração de “Um Estadista do Império”, publicou Nabuco “Balmaceda” e “A Intervenção Estrangeira”, o primeiro livro sobre um movimento político no Chile e o segundo a respeito de um episódio da revolta de Saldanha da Gama no Brasil. Ambos esses trabalhos são constituídos pela coordenação de artigos publicados antes na imprensa diária, pois que ele, mesmo nos momentos em que outras atividades preocupavam o seu espírito, não deixava de parte o jornalismo.

“Minha Formação” é também uma obra constituída em parte de publicações feitas em jornais de São Paulo o que Joaquim Nabuco, aduzindo novos elementos, deu forma nova e definitiva.

“Há nesse livro, de recordações da infância e mocidade, páginas de verdadeiro encanto, que nos despertam emoções pelo seu doce e suave lirismo. “Minha Formação” é para muitos a obra prima de Joaquim Nabuco.

“Outras vieram dele, depois, tais como “Escritos e Discursos Literários” e, em francês, “Pensées Detachées et Souvenirs”, sem falar nas inúmeras conferências que fez, em inglês, na América do Norte.

“Pensées Detachées” contém uma série de máximas, em, que não se sabe que mais admirar, se a penetração do espírito ou a beleza da forma em que são expostos os pensamentos.

“Quando o livro veio a lume, Emile Faguet, que o leu, atribuiu-o a um escritor de seu país, disfarçado sob o pseudônimo. Achou que o autor, para ele desconhecido, era um filósofo deveras interessante, que por vezes se mostra, através de suas idéias, um poeta ou romancista.

“Houve, é certo, quem increpasse a linguagem de Joaquim Nabuco. Como a Eça de Queiroz, alguém lhe atribuiu deslises por influência dos escritores franceses, que ele conhecia mais do que a literatura nacional.

“A verdade, entretanto, era que ele traduzia sempre as suas idéias em uma exposição simples e clara e em um estilo fluente e

sedutor. Para José Veríssimo, era ele “uma das maiores figuras literárias do Brasil e de nossa língua”.

“Achava João Ribeiro que “poucos são os livros de nossa literatura comparáveis a “Um Estadista do Império”. “Sua construção - acrescentou o grande filólogo, - é admirável; a pintura dos caracteres dos homens e das coisas do tempo são evocados com acentuação e com vida, que nos parece um romance.”

Dera ainda o mestre à Academia, no ano passado, já enfermo, a sua biblioteca, quase dois mil volumes dos livros em que dessedentara a sua inteligência, por todo o andar de sua existência. Neles estão as marcas das suas observações, do seu estilo de aprender e conhecer.

Sadoc Pereira havia já mergulhado na grande noite da Redenção e do Silêncio, quando, naquele fim-de-tarde escaldante do verão amazônico, há três dias, diante do seu hirto corpo morto baixando à terra de seu berço natal, recebeu o Adeus! da Academia Amazonense de Letras e da Universidade do Amazonas, por seus ilustres intérpretes. Acadêmico Mendonça de Souza e Professor David Mello.

E também o de uma pobre cigarra, que, triste, ao longo, cantava, cantava... Como um Adeus! muito sentido, da sua terra e de sua gente.

O esplendor da vida está na mulher

Carlos de Araújo Lima

O esplendor da vida está na mulher. Nela vibra a mais autêntica mensagem de humanidade. Sua força, através do tempo, tem suas raízes na humildade. Na grandeza divina de ser mãe. Na forma, sutil, bem feminina, de vencer o machismo que é a estupidez masculinizada, e saber se impor, lutando com intuição genial para ganhar, aos poucos, o próprio espaço.

A evidência social de hoje está na posição da mulher. Conquistou e prossegue sem esmorecer na luta de ser ela própria, em todas as categorias da atividade. Sua colaboração é indispensável em tudo.

Há no mundo, funcionando e crescendo, uma entidade, mais essa, filiada à ONU, vinculada à Unesco, desenvolvendo uma atividade impressionante de eficiência cultural que se chama Associação das Mulheres de Carreira Jurídica. Elas, pormotoras, defensoras públicas,

juízas, com exata agudeza, sentiram que direito é vida e esta não se esconde, muito menos se recusa à compreensão elementar de que a lei e o próprio direito não estão só nos tribunais. Possuem o seu Banco da Mulher, agem em igualdade com os homens, colaborando em todos os simpósios e congressos que visam o aperfeiçoamento das instituições. No Amazonas, na dinâmica presidência da juíza Alvarina Miranda de Almeida, a associação vai, com autenticidade feminina e humaníssima, se impondo, com o seu Banco da Mulher e com uma atividade que visa acentuar, cada vez mais, a assistência e a presença. A mulher na plenitude da sua ação cultural, social, uma advertência e uma prospecção.

A prospecção que vale porque visa extrair da experiência e do conhecimento da vida tudo aquilo que a possa humanizar no campo social e da cultura. Ficamos tão impres-

sionados com a sua forma de agir que solicitei os estatutos, para sentir as coordenadas da sua organização. Clarividentes e autênticas lá está no seu artigo XII, caber à associação "propugnar pela eliminação de todas as formas de discriminação, buscando promover a igualdade de direitos inerentes à pessoa humana". Nela, a exemplo desse jovem e brilhante jornalista e colega que é Júlio Antônio Lopes, resolvi também me inscrever.

Não podemos ser grandes, sem sermos inteiros, já o disse o poeta português. E para sermos inteiros temos de estar sempre ao lado da mulher, na inspiração bem funda de que estamos ao lado de nossa mãe. Principalmente, como no meu caso, fui ao Amazonas, retornei a ele, para tentar sacudí-lo nesta hora em que a cobiça internacional o ameaça de espoliação. Retornei à Mãe Terra. E isso diz muito em relação à importância e expressão da mulher.

Brasília, a capital do terceiro milênio

Juscelino, o fabuloso criador de Brasília, com essa frase dá sequência à profecia de Dom Bosco. Parabéns ao "Correio Braziliense" pelas magníficas contribuições, de substancial e comprovada análise do que representa agora a capital do Brasil. Só os cegos ou os dominados pela paixão contra a evidência se permitirão negar Brasília. Eles ficam incorporados às forças do exterior interessadas em obstruir o fantástico desenvolvimento nacional que se dá mesmo com o país pagando o tributo inflacionário de 35% ao mês. Essa perplexidade, como é notória, já alcançou os próprios representantes do Bird (Banco Mundial) que não escondem o seu es-

panto.

Há dias um jornal informou que a senhora do ex-presidente do Banco Central, se encontrando nos Estados Unidos, com o seu marido, num jantar a que estava presente o secretário da Indústria, como este transmitisse com entusiasmo as suas impressões sobre o Brasil, aquela senhora lhe perguntara porque, então, os Estados Unidos não davam a mão ao Brasil para que este crescesse. Resposta daquele secretário - minha senhora os Estados Unidos jamais farão um segundo Japão.

A realidade brasileira, sua espantosa criatividade, extensão territorial, cento e cinquenta milhões de

criaturas, a notória riqueza em tudo, florestas, minérios, diversidade climática, regiões em que há duas, três safras de produção, tudo isso se soma para multiplicar-se na queda miraculosa resistência e sobrevivência, não obstante a ainda não alcançada organização.

O milagre brasileiro existe e é isso, crescer mesmo assim. Podemos, pois, compreender que no fundo dessa marcação contra o Brasil, marcação da mídia internacional com a ajuda de Iguns que integram a nacional, fermente esse receio do mercado estabelecido e ancorado num programa que não deve ser alterado. No entedimento dos donos da situação, é claro.

Á Lânguida carícia dessas mãos...

ARAÚJO NETO

*Dá-me o enlevo de tuas mãos esgalgas,
abertas sobre mim, amoráveis, fidalgas,
mansamente blandiciosas...*

*Sejam as tuas unhas de carmim
uma chuva oloral de pétalas de rosas
desfolhadas sobre mim...*

*Dá-me a ventura de ficar assim!
Pôr sobre a minha fronte, enamorada, espalma
todas as tuas oblações! Enfim,
os nossos ideais, como gêmeos irmãos,
filhos do mesmo amor, floresçam em minh alma,
a lânguida carícia dessas mãos...*

*Dá-me a ternura dessas mãos morenas
sobre a minha cabeça de poeta,
nessa atitude discreta,
das amantes sensatas e serenas.*

*Quero a vaidade de trazer aos versos
pensamentos diversos
afagados por tuas mãos...
Estimulados pelos teus anseios,
aquecidos aos teus seios,
à paz de tuas místicas virtudes,
à exaltação pagã de teus pecados...*

NUNES PEREIRA

UM CIENTISTA LÍRICO

Padre Nonato Pinheiro

É conhecida a secura ou aridez dos cientistas na composição de suas obras, posição até certo ponto compreensível e legítima, já que a ciência é, de sua natureza, austera e objetiva, dispensando os recamos e as louçanias da literatura, da eloquência e das artes, em geral. A literatura é a arte literária, e o artista preocupa-se com o sentido e a plenitude da beleza. Dele diremos o que disse lindamente a Escritura Santa daqueles Varões Insignes, que viveram com a volúpia da beleza: "Pulchritudinis Studium Habentes"! (Livro do Eclesiástico).

O homem de letras, a não ser que se trate de um borra-tintas ou um tamanqueiro, esmera-se em suas produções, chegando alguns ao requinte (que não exige) de transformarem suas páginas em obras de arte, esculturas marmóreas, vasos alabastrinos, cromos, cinzeladuras, vitrais, cornucópias e arranjos de rosas, acanto e louro!

O mundo da ciência não conhece ornatos e arabescos, nem se engalana de púrpuras e damascos, mas investiga com frieza a fosforescência do vagalume e a fissura do átomo!

A verdade nua e limpa é que Nunes Pereira, antes de ser o cientista qualificado nos domí-

nios da antropologia cultural, da flora, fauna, potamografia, limnologia, climatologia, bromatologia e mitologia da Amazônia, já se notabilizara como primo homem de letras, inspirado poeta simbolista, que muito de indústria escolheu para seu patrono na Academia Amazonense de Letras, da qual foi um dos fundadores, o autor incomparável dos Faróis e dos Broquéis, o glorioso negro de imaginação de ouro, Cruz e Souza!

Devo à minha pachorra e volúpia no trato da pesquisa o conhecimento que tenho da obra literária de Nunes Pereira. Passei muitas horas nos porões do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual sou membro efetivo e benemérito, a consultar as coleções dos antigos jonais de Manaus. Encontrei sonetos lapidares do autor de "Moronguetá" e "Panorama da Alimentação Indígena", poemas verdadeiramente antológicos, de sonoridade verlainiana!

Os caminhos da vida ou a própria imposição da sobrevivência deram-lhe outra orientação intelectual, com incursões pela ciência. Como quer que seja, quem o ler, mesmo de inopino, logo percebe o cientista lírico, cuja formação literária suaviza e aveluda suas elucubrações

científicas! Enganam-se pois, os que supuserem que o cientista asfixiou e extinguiu o primoroso homem de letras, como na imagem do apuizeiro das florestas amazônicas, estrangulador de espécies vegetais...

A obra literária de Nunes Pereira pede meças à obra científica, só que a primeira azula nos longes de sua mocidade, mas persiste, árdega e garrida, nos jornais e revistas do passado, na Revista da Academia Amazonense de Letras e nas conferências literárias que proferiu, assim no Amazonas como alhures. Recordo-me de uma palestra magistral que pronunciou na sede de nossa Acrópole Literária sobre as grandes figuras que a enramaram de louros e mirtos. Ao império de sua admirável evocação, aqueles vultos olímpicos ressuscitaram, retornando redi-vivos ao recinto azul da academia, revestidos de clâmides refulgurantes, sob os olhares atônitos do presidente Péricles Moraes e de seus confrades, cabendo-me a honra e o júbilo de encontrar-me entre eles!

Nunes Pereira correspondia-se com o famoso antropólogo Claude-Lévis Strauss, o celebrado mestre de "Triste-Tropiques", "La Pensée Sauvage", "Le cru et le cuit" e "Du miel aux

cendres”, que o tinha no mais alto conceito científico. Revistas especializadas em antropologia cultural e tribos indígenas brasileiras disputavam a publicação de seus trabalhos, tal o recorte científico que os distinguia!

E que dizer do boêmio?! Sua vida boêmia não impediu de atingir a mais provecta senectude, acentuadamente luminosa, conservando até ao ocaso de sua longa existência, referto de ouro

e matizes policromos, como o crepúsculo do sol, a força extraordinária de sua portentosa mentalidade! E suas rodas escocesas eram verdadeiros triclinios de letras e saraus de cultura, sempre cercado de intelectuais!

Eu sugiro a meus ilustres Pares da Academia que a cadeira que o grande maranhense ocupou, passe a crismar-se com o nome de NUNES PEREIRA, e que seja dado o seu nome, pela

Prefeitura Municipal, a uma rua ou logradouro público de nossa capital, pelo muito que o nosso Amazonas lhe ficou a dever, assim nas ciências como nas letras!

Parodiando um lúcido epígrafe francês, proclamo, entoando a antífona de minha admiração fervorosa, após incensar com redolências seu túmulo em flor:

“Uma águia gigante sobrevoou nosso espaço:”

NOTICIÁRIO

O ano começou bem, pois em janeiro festejamos o natalício dos acadêmicos Newton Sabbá Guimarães a 13, Mário Ipiranga Monteiro a 23 e Aderson Dutra a 27.

Neste mês de fevereiro, comemoram aniversário José Braga a 15, Plínio Coelho a 21 e Paulo Jacob a 24. Todos foram cumprimentados pela Presidência.

Estão em curso os processos de inscrição dos candidatos Jaury Guimarães de Souza Marinho, Jurandyr Batista de Sales, Gebes Medeiros e Carmen Nô-

voa Silva, para provimento das carteiras Estelita Tapajós, Araújo Lima e Antonio Brandão de Amorim. A Presidência aguarda os pareceres dos relatórios designados, para convocar a assembléia geral.

A posse do acadêmico eleito Moacir Couto de Andrade ocorrerá no dia 17 de março próximo, sendo recepcionado pelo acadêmico João Crisóstomo de Oliveira.

Proximamente serão marcadas as datas para a posse dos acadêmicos eleitos Agnello Uchôa Bittencourt e Rosa Men-

donça de Brito.

A 17 de dezembro último, empossou-se o acadêmico Aureo Nonato, recepcionado pelo acadêmico Paulo Jacob. Festa brilhante, tanto pela beleza dos discursos, como pela elegante assistência. Foi a última recepção acadêmica do ano e valeu esplendidamente.

O acadêmico Elson Farias, Conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios, foi eleito Presidente do referido órgão, sendo cumprimentado por seus confrades.

